

III.

**A FÚRIA DA VIGILÂNCIA ELECTRÓNICA
DESDE O 11 DE SETEMBRO**

11.

AS AMBIÇÕES ILIMITADAS DA NSA NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Desde os atentados do 11 de Setembro, já o vimos, tudo mudou para os directores da NSA: a ambição desmesurada que os animava obteve, então, os meios financeiros necessários para alargar o aparelho de vigilância da agência, à imagem de um polvo que estende os seus longos tentáculos num meio cada vez mais amplo (ver, *supra*, Capítulo 8). Em 2013, na sede da NSA em Fort Meade, composta por um conjunto de vinte e seis edifícios e um parque de estacionamento com 18 000 lugares, vigiado por quatrocentos polícias de elite, os agentes dedicavam-se diariamente a desenvolver actividades de ciberguerra e de descodificação. Entre 2000 e 2013, a NSA beneficiou de mais de 40 mil milhões de dólares de investimento e contratou perto de 10 000 pessoas¹. No entanto, também deparou com um grande problema: a necessidade de aumentar as capacidades de armazenamento dos seus servidores informáticos para manter os inúmeros dados digitais recolhidos diariamente pelos seus múltiplos programas dispersos pelo mundo fora — nas suas justificações orçamentais para 2013, a NSA anunciou, nomeadamente, a criação de um banco de dados capaz de integrar 20 mil milhões de comunicações por dia e de as colocar à disposição de um analista em apenas uma hora².

Em Bluffdale (Utah), o louco projecto de armazenamento da Internet mundial

No final de 2012, um documento interno da NSA anunciava, assim, a inauguração de uma nova capacidade de interceptação do tráfego de Internet com o redireccionamento em tempo real para os seus servidores centrais. Baptizado como One-End Foreign Solution, tal actividade permitia filtrar 75 por cento do tráfego de Internet, sendo-lhe atribuído o nome de EvilOlive³. Outra inovação foi a criação de um banco de dados composto por metadados telefónicos e de Internet, chamado ShellTrumpet, que permitia novos serviços como a emissão de um alerta em tempo real, caso fosse enviada correspondência electrónica através de uma conta vigiada. O documento referia também outros serviços misteriosos, chamados MoonLightPad e Spinneret, bem como um programa que permitia à NSA beneficiar das escutas britânicas e que era conhecido pelo doce nome de Transient Thurible⁴.

O esforço mais impressionante da NSA para aumentar as suas capacidades de armazenamento foi levado a cabo em 2011 em Bluffdale, no coração do Utah, nas proximidades de Salt Lake City, capital dos Mórmones. Os directores da NSA gostam muito dos Mórmones, pois estes dedicaram-se (em 1984!) a constituir uma gigantesca base de dados de todos os seres humanos nascidos desde a origem da Humanidade, com o intuito de identificar (para simplificar) aqueles que mereciam admiração eterna — e, para assegurar o sucesso da missão, formaram emissários falantes de uma enorme variedade de línguas. A potencial sinergia entre a seita dos «santos dos últimos dias» e a agência de informação norte-americana, cujo sonho absurdo — ainda que mais modesto — consiste em colocar em ficheiros a totalidade da população mundial contemporânea, com o

intuito de identificar em tempo real as «agulhas terroristas» existentes neste «palheiro», é compreensível.

Esta megalomania partilhada está, muito provavelmente, na origem da criação da estação de Bluffdale, discretamente chamada Centro de Dados do Utah, a qual ocupa 100 000 m² e custou 2 mil milhões de dólares⁵. O seu papel é tão simples quanto ambicioso: armazenar durante anos o registo das comunicações telefónicas e por Internet do mundo inteiro susceptíveis de interessar à NSA⁶. Vantagem suplementar: no Utah, o metro quadrado não é caro e há água em abundância para arrefecer os servidores. Este centro de armazenamento de dados é considerado o maior do mundo, e o seu consumo de electricidade equivale ao de uma vila com 20 000 habitantes. Esta *hubris* tecnológica seria portadora da sua própria maldição? Em Outubro de 2013, o *Wall Street Journal* fez eco de vários incidentes eléctricos que destruíram geradores e atrasaram um ano a abertura do local. Circuitos defeituosos, miniexplosões, estruturas de metal que se derretiam: em apenas treze meses, segundo o diário, dez incidentes de grande dimensão provocaram centenas de milhares de dólares de prejuízos⁷.

No entanto, no mesmo período de tempo, muitas outras estações da NSA foram modernizadas: em 2012, o centro da NSA na ilha de Oahu (Havai) — onde Edward Snowden trabalhou antes da sua deserção — foi ampliado para acolher 2700 agentes, dos quais várias centenas trabalhavam na ciberguerra (ver capítulo seguinte), estando os restantes encarregados da interceptação de mensagens do continente asiático — foram ali investidos 358 milhões de dólares⁸. Outro exemplo será a base da NSA em Fort Gordon (Georgia) — nome de código Sweet Tea —, que vigia a Europa, o Médio Oriente e o Norte de África, graças a 4000 «ouvintes» e analistas⁹. E, em 2007, perto de San Antonio (Texas), a NSA erigiu um enorme centro de gestão e de tratamento de

mensagens respeitantes à América do Sul, que empregava 2000 pessoas¹⁰. Ainda que tal não seja verdadeiramente uma surpresa, a Microsoft dispunha a alguns quilómetros de distância de um servidor central com pouco mais ou menos o mesmo tamanho¹¹.

Outro exemplo: no Colorado, a base da NSA de Buckley é um centro de comando e gestão dos satélites da agência que orbitam a Terra: em 2013, 850 funcionários tratavam ali os dados dos quatro satélites, podendo concentrar-se numa zona geográfica e num tipo de escuta em particular. A este conjunto impressionante, podemos acrescentar, já o vimos anteriormente, os centros de escuta nacionais localizados nas proximidades dos nós de Internet e dos pontos de chegada dos cabos submarinos, sendo o mais importante o de Menwith Hill na Grã-Bretanha.

Booz Allen Hamilton e os outros: a privatização pela NSA do negócio da espionagem de Estado

Em todos os edifícios pertencentes à NSA, cientistas dedicam-se a desenvolver novas técnicas de interceptação, enquanto as autoridades definem regularmente novos objectivos para os seus agentes. Este dinamismo interessa muito às empresas privadas, ávidas de lucrativas oportunidades de colaboração. O antigo director da NSA, Michael Hayden, trabalhou activamente na privatização das actividades da agência, através da injeção generalizada de subcontratados em todos os seus níveis¹². Entre os prestadores de serviços privados mais importantes, contavam-se: SAIC, Palantir Technologies, Eagle Alliance e, claro, Booz Allen Hamilton (BAH¹³), para a qual trabalhou Edward Snowden.

Em resultado destas aproximações, a fronteira entre os dois universos tornou-se muito ténue: James R. Clapper,

director das informações nacionais em 2010, foi um dos directores da BAH entre 1995 e 1998. Vice-presidente da empresa em 2009, John Michael «Mike» McConnell fora director da NSA entre 1992 e 1996. Na galáxia de personagens que gravitavam em torno da NSA e dos seus parceiros privados, este último desempenhou um papel fundamental: amigo de longa data de Dick Cheney, o mestre do «lado negro da força» do tempo de Bush, pai, Mike McConnell tornou-se em 1996, depois de ter dirigido a NSA, vice-presidente da Booz Allen Hamilton, onde criou as primeiras unidades de ciberguerra (ver capítulo seguinte). Com 24 500 funcionários e um volume de negócios a rondar os 5,8 mil milhões de dólares em 2013, a empresa transformou-se num peso-pesado dos prestadores de serviços do aparelho de segurança norte-americano, com um crescimento assinalável a partir de 2001¹⁴.

Sob o impulso de McConnell, a BAH investiu imenso na actividade de identificação e de antecipação dos comportamentos sociais em todos os domínios ofensivos e defensivos da informática — o seu Strategic Innovation Group, criado em Abril de 2013, reunia cerca de 1500 pessoas dedicadas a esta actividade¹⁵. No mesmo ano, a empresa viu os seus esforços serem recompensados através de um contrato da Defense Intelligence Agency (DIA), preocupada com a exploração desses novos territórios. O seu orçamento: 5,6 mil milhões de dólares em cinco anos! O palmarés destas empresas não foi, contudo, glorioso: frequentemente mencionados são os 1,3 mil milhões de dólares gastos pela NSA na primeira década do século XXI com o programa de espionagem Trailblazer, um projecto tão megalómano quanto ineficaz e dispendioso, que acabaria por ser abandonado em circunstâncias rocambolescas (ver, *infra*, Capítulo 14), sem que tal pusesse minimamente em causa a *hubris* tecnológica da agência norte-americana¹⁶.

À frente da NSA entre 1999 e 2005 (e da CIA entre 2006 e 2009), Michael Hayden tinha então atribuído uma nova missão aos seus parceiros privados: dominar as tecnologias que permitissem identificar o tráfego de dados que passava pelos Estados Unidos e interceptá-lo — como viria a explicá-lo calmamente numa entrevista assaz espantosa, dada em Junho de 2013, em resposta às primeiras revelações de Edward Snowden¹⁷. Foi esta perspectiva e os chorudos contratos que a acompanhariam que reuniram, em redor da NSA, os orgulhos norte-americanos do sector. Em 2010, Max Kelly, responsável pela segurança do Facebook, foi recrutado pela NSA, passando a trabalhar na exploração do... Facebook e de outras «redes sociais» por parte da agência¹⁸. Max Kelly é o símbolo perfeito desta preocupante porosidade entre as multinacionais da Internet e a NSA. Um caso longe de ser isolado...

Complementares e concorrentes dos gigantes da informática, as novas empresas de Silicon Valley também souberam tornar-se interlocutores privilegiados da NSA. Entre estas novas estrelas, a Palantir Technologies (com um volume de negócios de 450 milhões de dólares em 2013) foi, sem dúvida, uma das mais interessantes. Fundada em 2004 por Peter Thiel, o bilionário criador da PayPal, a empresa afirma ser capaz de «encontrar soluções para situações difíceis». A Palantir Technologies foi financiada, desde o início, por alguns empresários privados e pela In-Q-Tel, um fundo de investimento em novas tecnologias da CIA. O seu brilhante e atípico presidente e director-geral, Alex Karp, é um apaixonado pela filosofia ardente das artes marciais, cujas capacidades permitiram constituir uma excelente reputação nos círculos de poder em Washington, quer se tratasse de seguir os líderes da Al-Qaeda, de contrariar as operações dos bombistas no Afeganistão ou de avaliar a eficácia dos ataques efectuados com drones¹⁹...